

## Portugal - do poeta ao profeta

Fernando Pessoa é como um sinal de que a hora chegou: a Mensagem será a cifra desse sinal. Os caminhos que levam à revelação estão por todo o lado.

Quatro são os nomes (hoje diríamos, as máscaras) que lhe dão voz, talvez porque o número da estabilidade e do próprio mundo enquanto realidade física, também o seja. Assim o símbolo do poeta se funde no do mundo aparente e juntos tentam a aventura de erguer o véu que vela o mistério.

Para a revelação o poeta escreve quatro obras fundamentais: três em verso e uma em drama. Escreverá muito mais, mas serão como que sinais, onde porventura o único significado será o de nos indicarem o caminho da Obra.

Fala-se muito da Mensagem, fala-se pouco do Marinheiro. E todavia é no delírio do marinheiro perdido em lugar distante (tal o mundo físico) que a alma portuguesa se descobre e reencontra. Se sonha com a pátria é para a imaginar, se recorda o mundo é para o recriar.

O marinheiro recorda-nos o drama da saudade e reconcilia-nos com esse anjo desterrado no mundo por amar demasiado a fragilidade humana. Do mesmo modo, se o naufrago não retorna à pátria, transformada agora em idealismo puro, também o anjo prometeico é condenado a vagar pelo mundo partilhando a alma com todos os homens.

Vemos aqui a mesma elegia de Maranus, sendo que um se situava nas escarpas do norte e o outro numa ilha que nenhum mapa assinalava. Metáfora de Avalon ou de São Brandão? Em todo o caso do paraíso perdido pela História e só possível de retomar pelo Mito ou sonho.

Pessoa, escrevendo Mensagem e Marinheiro (dois M como as iniciais dessa Ordem que tem a nação por raiz) edificou um templo com as dimensões da alma nacional, fundindo-as na sua vida para que todos pudessem partilhar da revelação.

Quanto à sua obra, é grande não sendo sua. Antes serão mil gerações a falarem, dando sinal do destino que a todos é comum na busca do Graal, na tentativa de se assumir um povo inteiro como cordeiro de uma aliança renovada, penhor de um pacto com as dimensões do mundo.

Tendo por testemunha uma comunidade de nações chamada Europa - um dia quem sabe todos e tudo.

João Crisóstomo  
Setúbal, Março de 1992